

IMAGENS QUE ENSINAM: O USO DO CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Èverton de Sousa ¹

Tarcísio Neslen Evêncio Sousa Luz ²

RESUMO

Este trabalho tem como mote investigar as potencialidades e os desafios do uso do cinema como recurso didático no ensino de História, com ênfase na Educação Básica. Partindo da compreensão de que o cinema é uma linguagem capaz de construir representações do passado, busca-se compreender de que maneira os professores e professoras podem lançar mão de longa metragens em suas práticas pedagógicas, quais critérios podem orientar a escolha das obras e de que forma os estudantes respondem a essas experiências. A pesquisa propõe ainda uma reflexão crítica sobre os limites do cinema enquanto fonte de conhecimento histórico e ferramenta de ensino aprendizagem, abordando questões como a verossimilhança, a dramatização e os interesses ideológicos e intencionalidades presentes nas produções audiovisuais. O estudo será fundamentado em uma revisão bibliográfica e na análise de práticas docentes. Espera-se contribuir para a valorização de abordagens interdisciplinares que fortaleçam o ensino de História de maneira crítica, reflexiva e conectada com a cultura visual contemporânea.

Palavras-chave: Cinema, Ensino de História, Educação Básica, Prática Docente.

INTRODUÇÃO

O tecido imagético do mundo contemporâneo transforma a maneira como nos relacionamos com o passado. A sétima arte, ao articular som, imagem e montagem, também fabrica memórias: não apenas reconstitui eventos, mas modela sentimentos, significados e visões que passam a habitar o imaginário coletivo. Inserir longas-metragens no espaço escolar é, por isso, algo que ultrapassa a simples exibição; trata-se de trabalhar com narrativas que portam escolhas estéticas, intencionalidades e convenções dramáticas que orientam a leitura histórica dos estudantes.

Reconhecer o valor pedagógico das produções audiovisuais exige, contudo, um olhar crítico. A verossimilhança que o filme oferece costuma fundir pesquisa, invenção e expediente dramático, o que impõe limites à sua apropriação como fonte direta de conhecimento histórico. Em sala de aula, a mediação docente torna-se crucial: cabe ao

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí-UFPI/CCHL e bolsista Capes. E-mail: evertusousa@gmail.com

² Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e mestrando do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS/COC/Fiocruz). E-mail: tarcisio.luz@aluno.fiocruz.br



professor problematizar as representações, explicitar as opções de enredo e imagem e promover procedimentos que permitam distinguir entre construção ficcional e evidência documental.

Este estudo parte da hipótese de que o cinema pode enriquecer o ensino de História quando integrado a práticas reflexivas e criteriosas. A investigação propõe mapear as potencialidades didáticas das obras fílmicas, identificar parâmetros que orientem sua seleção e analisar as respostas dos alunos diante dessas experiências. Para tanto, combina uma revisão de referências teóricas sobre imagem, memória e ensino com a análise de práticas docentes observadas ou relatadas em contextos de Educação Básica.

Ao aproximar teoria e prática, busca-se também problematizar as intencionalidades presentes nas produções audiovisuais: interesses ideológicos, escolhas de enquadramento, recursos de dramatização e estratégias estilísticas que influenciam a recepção. A proposta não é reduzir o filme a um mero suporte ilustrativo, mas assinalar modos de uso que favoreçam a leitura crítica, o debate e a articulação entre diferentes linguagens do conhecimento.

O texto organiza-se em dois momentos. No primeiro, discute-se o cinema como linguagem e como produtor de representações do passado, abordando conceitos-chave que sustentam a análise. No segundo, examina-se o emprego do cinema como recurso didático no ensino de História, explorando critérios de seleção, práticas de mediação e efeitos sobre a aprendizagem dos estudantes. Ao final, espera-se oferecer subsídios para uma atuação docente engajada com a cultura visual contemporânea e com formas de ensino que estimulem reflexão, confronto de fontes e construção coletiva de sentidos.

1. O cinema como linguagem e representação histórica

O cinema pode ser compreendido como uma linguagem audiovisual dotada de gramática própria, capaz de articular representações do passado por meio de recursos estéticos e de intenções ideológicas. Marc Ferro destaca que o filme funciona como um “documento privilegiado” da história justamente por revelar o que escapa ao controle do cineasta: vestígios involuntários de uma realidade que se infiltra na ficção³. Diferentemente do texto historiográfico, que se ancora na coerência factual, o cinema constrói significados por meio de invenções narrativas, montagem, trilha sonora,

³ FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.



fotografia e enquadramento condensando o passado em formas sensíveis que comunicam ideias e valores⁴.

Robert Rosenstone reforça que essa condensação não diminui o valor histórico da obra cinematográfica. Para ele, ainda que o filme não siga o rigor da historiografia tradicional, ele propõe interpretações alternativas sobre o passado, elaborando versões críticas que ampliam a compreensão histórica⁵. O filme histórico, portanto, não deve ser lido apenas como uma dramatização ou simplificação de fatos, mas como um discurso sobre o tempo, no qual se expressam as disputas de memória, as tensões ideológicas e as visões de mundo de uma determinada sociedade.

Como linguagem, o cinema organiza a experiência histórica através de escolhas estéticas. A seleção de cenas, o ritmo da montagem, o uso do som e do silêncio, os ângulos de câmera e a iluminação são elementos que estruturam a narrativa e orientam o olhar do espectador. Cada decisão formal, mesmo quando sutil, tem implicações interpretativas. A montagem, por exemplo, não apenas encadeia planos, mas constrói relações de sentido e cria temporalidades próprias. É nela que o filme define o que merece ser lembrado e o que será omitido, revelando que toda imagem é uma construção mediada.

Jean-Claude Bernardet ressalta que o cinema brasileiro, em particular, revela a historicidade de seus discursos por meio de formas narrativas que expõem contradições sociais, permitindo perceber o país “nas suas fissuras e descontinuidades”⁴. Essa observação amplia a noção de que o cinema é, antes de tudo, um campo de disputa simbólica. O modo como o passado é representado, as vozes escolhidas, as ausências, as metáforas visuais, expressa tanto intenções autorais quanto contextos históricos de produção. Desse modo, o filme é simultaneamente produto e produtor de historicidade.

Sob essa perspectiva, torna-se necessário compreender que as representações cinematográficas do passado não são neutras. Todo filme carrega intencionalidades, conscientes ou não, que moldam a recepção e a leitura histórica. A música triunfal que acompanha um herói, a câmera que se detém sobre um rosto angustiado ou a cor saturada que marca uma época não são meros ornamentos, mas dispositivos de persuasão. Como observa Ferro, “a imagem cinematográfica fala tanto pelo que mostra quanto pelo que omite”⁶. Assim, o cinema é um terreno onde ideologia e estética se entrelaçam,

⁴ AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

⁵ ROSENSTONE, Robert A. *A História nos Filmes, os Filmes na História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

⁶ FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.



produzindo sentidos sobre a história e, ao mesmo tempo, participando de sua reinterpretação contínua.

Essa dimensão simbólica torna o cinema um instrumento fértil para o ensino de História, desde que mediado criticamente. Fernando Hernández enfatiza que vivemos em uma cultura visual em que a imagem ocupa papel central na aprendizagem, sendo necessário ensinar os estudantes a “ler criticamente o que veem, para compreender o mundo que as imagens constroem”⁷. Nessa direção, o cinema pode ser incorporado ao currículo escolar não como ilustração do conteúdo, mas como campo de análise, onde se examinam discursos, ideologias e representações.

Paulo Freire já indicava que a educação libertadora nasce do diálogo entre saberes, da leitura crítica da realidade e da problematização do cotidiano⁸. Inserir o cinema nesse horizonte é permitir que os alunos compreendam que toda narrativa é uma forma de interpretação. Quando se analisa um filme histórico em sala de aula, é possível desenvolver um olhar que vá além da linearidade dos fatos, questionando como o passado foi narrado, quem fala por ele e quais vozes foram silenciadas. O objetivo não é julgar o filme pela fidelidade ao acontecimento, mas compreender as suas mediações simbólicas e políticas.

Portanto, o cinema, enquanto linguagem e representação histórica, oferece um espaço de encontro entre memória, estética e educação. Ele mobiliza afetos e ideias, tornando-se um instrumento poderoso para refletir sobre a construção das narrativas históricas. Ao reconhecer sua natureza ideológica e discursiva, abre-se caminho para práticas pedagógicas que utilizem o audiovisual como provocação, um convite à leitura crítica do passado e à formação de sujeitos capazes de interpretar as imagens que compõem o mundo contemporâneo. Essa abordagem constitui o ponto de partida para o próximo tópico, em que se discutirá o uso do cinema nas práticas docentes e seus desdobramentos no processo de ensino-aprendizagem da História.

2. O cinema como recurso didático no ensino de História

Pensar o cinema como recurso didático no ensino de História implica compreendê-lo como uma linguagem que articula representação, memória e

⁷ HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projetos de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*.



sensibilidade. O filme não deve ser entendido como uma reprodução do passado, mas como um discurso que o interpreta e o reinventa a partir de determinadas intencionalidades estéticas, políticas e culturais. Quando introduzido na sala de aula, o cinema pode favorecer a aproximação entre os conteúdos históricos e a cultura visual que permeia o cotidiano dos estudantes, estimulando formas de aprendizagem mais dialógicas e reflexivas.

Para que essa integração seja efetiva, é necessário que o professor estabeleça critérios de seleção que ultrapassem o simples vínculo temático entre o filme e o conteúdo escolar. Marc Ferro propõe compreender o cinema como um “contra-analisador” da sociedade, um meio capaz de revelar tensões e ideologias subjacentes às narrativas históricas⁹. Assim, ao escolher uma obra, o docente deve considerar não apenas o período retratado, mas também as perspectivas representadas, os silêncios que o filme produz e as leituras que ele possibilita. A escolha de *Tempos Modernos* (1936), por exemplo, pode abrir espaço para discutir as transformações do trabalho e o avanço da industrialização, enquanto *Quilombo* (1984) pode suscitar reflexões sobre resistência, identidade e a construção da memória afro-brasileira.

Esses critérios também envolvem a relação entre forma e conteúdo, pois o modo como a narrativa é construída interfere na percepção histórica dos alunos. Filmes que adotam estratégias de montagem, uso de arquivos ou reconstruções dramáticas, como *Cabra Marcado para Morrer* (1984), permitem explorar a fronteira entre documentário e ficção, evidenciando como toda representação é atravessada por escolhas de linguagem. A abordagem estética, nesse sentido, não é acessória, mas parte constitutiva da análise histórica que se pretende desenvolver.

As práticas de mediação constituem outro ponto central no uso pedagógico do cinema. Paulo Freire afirma que ensinar é criar condições para que o conhecimento se construa no diálogo e na problematização da realidade¹⁰. Assim, a simples exibição do filme não basta: é necessário organizar momentos de contextualização, debate e confronto de fontes. A mediação pode incluir atividades prévias de levantamento de expectativas, discussões sobre o contexto de produção da obra e, após a exibição, exercícios de comparação entre o filme e documentos históricos, textos ou imagens de época. Essas

⁹ FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

¹⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



práticas estimulam a percepção de que o cinema, tal como a História, é uma narrativa situada, atravessada por interpretações e disputas de sentido.

Experiências desenvolvidas em escolas públicas e projetos de extensão mostram que essa metodologia potencializa a aprendizagem histórica. Professores que utilizam filmes como *Narradores de Javé* (2003) relatam que os estudantes passam a compreender a importância das vozes subalternas e da oralidade na preservação da memória coletiva¹¹. Da mesma forma, o uso de *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006) permite discutir a ditadura militar sob uma perspectiva cotidiana, aproximando os alunos de uma vivência histórica que extrapola os grandes eventos políticos. Esses casos evidenciam que o cinema pode favorecer a empatia histórica, entendida como a capacidade de reconhecer o outro em seu tempo e contexto.

A análise fílmica em sala de aula também contribui para desenvolver competências de leitura crítica da imagem, aspecto enfatizado por Fernando Hernández¹². Ao compreender as imagens como construções simbólicas, os estudantes aprendem a identificar discursos ideológicos, estereótipos e ausências. Essa dimensão crítica amplia a formação cidadã, pois ensina a questionar não apenas o passado, mas também as narrativas visuais que moldam o presente. A leitura do cinema, portanto, não se limita ao conteúdo histórico que ele aborda, mas inclui a reflexão sobre os modos de ver e representar o mundo.

Do ponto de vista da mediação docente, a construção de espaços participativos é decisiva. Cineclubes escolares, rodas de conversa e produções audiovisuais realizadas pelos próprios estudantes têm se mostrado estratégias eficazes para estimular o protagonismo juvenil e a aprendizagem colaborativa. Nesses ambientes, o filme deixa de ser objeto passivo de análise e torna-se instrumento de criação e diálogo. Essa dimensão ativa do aprendizado reforça a importância de uma pedagogia da imagem comprometida com a formação crítica e sensível dos sujeitos históricos.

O emprego do cinema como recurso didático no ensino de História exige intencionalidade pedagógica, fundamentação teórica e abertura ao diálogo com a cultura visual contemporânea. Quando o professor seleciona as obras de forma crítica, media as leituras com sensibilidade e estimula o confronto entre fontes, o cinema se transforma em espaço de construção coletiva de sentidos. Ao integrar emoção, razão e reflexão, essa

¹¹ MAUAD, Ana Maria. *Na Era do Audiovisual: imagens e história*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

¹² HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projetos de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.



prática contribui para um ensino de História mais consciente de seus meios de representação e mais atento às múltiplas formas de narrar o passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas sobre o uso de filmes em sala de aula, é importante destacar que elas se inserem em um campo mais amplo de reflexões acerca da utilização de fontes diversas – como documentos históricos, imagens, objetos e produções audiovisuais – no ensino de História e da postura pedagógica necessária para incorporá-las de forma crítica e produtiva. Nesse sentido, corroboramos o alerta feito por Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky¹³ segundo os quais, em uma sociedade marcada pela rapidez da informação e pela superficialidade das interpretações, é fundamental não confundir os conceitos de “informação” e “educação”, sendo o papel do bom professor ainda mais relevante diante do atual “bombardeio de informações”.

Os autores também problematizam o descrédito no ensino de História e a valorização excessiva da tecnologia em detrimento do livro didático. Apesar de suas limitações, este ainda é essencial, pois o diálogo entre diferentes fontes – inclusive o próprio livro – é o que permite “democratizar o acesso e a crítica à História”¹⁴.

Para que o uso das fontes em sala de aula – e entre elas os filmes – seja significativo, Bittencourt enfatiza a importância da sistematização metodológica das atividades. Isso evita que os documentos sejam utilizados apenas como ilustrações, permitindo que sirvam à construção de conhecimento histórico crítico. O desafio, segundo a autora, está em articular as pesquisas e ferramentas historiográficas às demandas do ensino básico.

Nessa mesma direção, Guimarães¹⁵ defende que professores e alunos não devem ser meros reprodutores de saberes acadêmicos, mas produtores de conhecimento e cultura escolar. Como afirma: “assumir a proposição investigativa em sala de aula implica ousar e construir uma atitude reflexiva e questionadora diante do conhecimento historicamente produzido”.

Portanto, quando o professor ou professora trabalha com fontes em sala de aula – e, em especial com filmes – de uma forma sistematizada, estará também desenvolvendo

¹³ PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. –5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2007. p. 17-36.

¹⁴ GUIMARÃES, Selva. Didática e Prática de ensino de História. SP: Papyrus, 2018. p. 205-234

¹⁵ Idem.



no aluno as habilidades de *observar, descrever, associar, relacionar, sintetizar* e, por fim, *contextualizar*. Em suma, trabalhar com documentos históricos em sala de aula têm três propósitos principais: educar o olhar; contribuir para a formação de conceitos e estimular a competência escritora. Assim, levar os alunos a contextualizar o oceano de imagens que seus olhos absorvem a todo instante, numa velocidade crescente, talvez seja um dos maiores desafios que o professor de história rem que enfrentar. O professor tem que possibilitar ao aluno o entendimento de que os documentos históricos devem ser encarados com discursos, e como tal, precisa ser analisado no contexto do seu tempo, buscando as *representações* do passado. Em outras palavras, as informações do passado que chegam até nós através dos documentos históricos são incompletas e parciais, isto é, estão submetidas aos valores, intencionalidades e marcas de autoria da pessoa ou grupo de pessoas que os produziram: trata-se de uma representação do ‘real’ e não o ‘real’ em si.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. SP: Cortez, 2008. p.351-382
- GUIMARÃES, Selva. *Didática e Prática de ensino de História*. SP: Papirus, 2018. p. 205-234
- MEIRELLES, William Reis. *O cinema na história*. O uso do filme como recurso didático no ensino de história. *História & ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História*. Vol.10 Londrina: UEL, 2004.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *Por uma história prazerosa e consequente*. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. – 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2007. p. 17-36.
- BERNARDET, J. C. *Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia*. São Paulo: Annablume, 1995.
- FERRO, M. *Cinema e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HERNÁNDEZ, F. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.



